



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO ESTADO DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EXTENSÃO  
CURSO DE PSICOLOGIA

**O Que Querem As Mulheres?**

**Uma Análise Do Feminino Em “A Via *Crucis* do Corpo”, De Clarice Lispector.**

Aluna: Maria Edduarda Santana da Silva.

Orientador: Edson Júnior Silva da Cruz.

Belém- Pará

2024

## RESUMO

Em uma aproximação da psicanálise com literatura, esta pesquisa considerou a teoria lacaniana, interpretada pela escritora Denise Maurano no livro “*Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos*”, com o objetivo de discutir a presença do feminino na mulher na ficção “*A via crucis do corpo*”, publicada pela escritora Clarice Lispector no ano de 1974. De modo específico, objetivou-se correlacionar o feminino no conto “Miss Algrave”, com o livro “*Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos*”, e analisar o feminino no conto epigrafado. Para concretizar a investigação, foi feita uma pesquisa qualitativa não estruturada, de metodologia teórica, com base em análise exploratória bibliográfica e documental. Por fim, a partir deste estudo, espera-se contribuir com novas interpretações para com a obra literária, e um olhar mais aprofundado acerca do feminino quando elaborado na literatura.

**Palavras-Chave:** Feminino; Falta; Desejo; Gozo; Clarice Lispector; “*A via crucis do corpo*”.

## ABSTRACT

In an approach that bridges psychoanalysis and literature, this research considered Lacanian theory, as interpreted by the writer Denise Maurano in the book *"Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos"*, with the aim of discussing the presence of the feminine in women in the fiction *"A via crucis do corpo"*, published by the writer Clarice Lispector in 1974. Specifically, the objective was to correlate the feminine in the short story *"Miss Algrave"* with the book *"Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos"*, and to analyze the feminine in the epigraphed short story. To carry out the investigation, an unstructured qualitative research was conducted, using a theoretical methodology based on exploratory bibliographic and documentary analysis. Ultimately, this study aims to contribute new interpretations of the literary work and to provide a more in-depth understanding of the feminine as developed in literature.

**Keywords:** Feminine; Lack; Desire; Jouissance; Clarice Lispector; *"A via crucis do corpo"*.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
1. O percurso do feminino na mulher na psicanálise	5
2. Clarice: A mulher da palavra	7
3. A via crucis do feminino insubmisso.	8
<b>Objetivos</b>	<b>11</b>
1. Objetivo Geral	11
2. Objetivos Específicos	11
<b>Método</b>	<b>12</b>
1. Tipo de estudo	12
2. Coleta de dados	12
3. Critérios de inclusão	12
4. Análise de dados	12
<b>Resultados e Discussão</b>	<b>13</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>
<b>Apêndice</b>	<b>26</b>

## Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir, por meio de uma pesquisa qualitativa não estruturada, de metodologia teórica, com base em análise exploratória bibliográfica e documental, a presença do feminino na ficção “*A via crucis do corpo*”, publicada pela escritora Clarice Lispector no ano de 1974. Com a intenção de destacar e analisar o feminino ~~A~~ mulher, além de compreender as questões que rodeiam o campo feminino, como a falta, o desejo e o Gozo, a partir da mulher-personagem escolhida. Foi preciso basear-se na teoria lacaniana presente no livro “Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos” da escritora Denise Maurano (2023) para fundamentar a pesquisa.

### 1. O percurso do feminino na mulher na psicanálise

Durante muitos séculos, a construção histórica em torno da figura feminina esteve intrinsecamente atrelada ao discurso patriarcal. Por essa razão, ao serem proferidas por meio do olhar masculino, muitas mulheres foram desprovidas de qualquer papel social e obrigadas a habitar em corpos construídos a partir de atributos que definiam e domavam o feminino: o campo enigmático conhecido como assustador e envolto pela falta e pela lógica do desejo. Assim, reduzidas a uma matéria sem forma, restavam a elas a interiorização dessa construção histórica, além da aceitação de uma palavra que tinha como condição de existência o silêncio de cada uma. (Chauí, Marilena; 2020)

Contudo, um pouco antes da virada do século XX, as raízes do feminino na mulher começaram a firmar-se. Através da observação dos corpos histéricos, a figura da mulher tornou-se um objeto de investigação desafiador para a modernidade científica e apontou, por meio da silhueta dos corpos examinados, o que estava para além dos saberes orgânicos. Foi dessa forma que o jovem médico e pesquisador Sigmund Freud iniciou seu estudo e sua escuta sobre a falta, os desejos e os sintomas produzidos pelo corpo das histéricas. (Mello e Legey, 2022).

Utilizando a escuta como recurso em sua prática, Freud observou que o sofrimento escapado por cada corpo não cessava com prescrições médicas, mas era tratado a partir da projeção das palavras de suas primeiras pacientes, uma vez que, ao narrarem inicialmente os sintomas que ecoavam em seus corpos, elas também proferiram memórias infantis, indagações sexuais e fatos ocultos ao consciente. Assim, ao propor a interpretação de manifestações inconscientes no discurso das histéricas, Freud inaugurou a psicanálise, construiu conceitos que desenvolveram a prática e apreendeu um lugar para que o feminino na mulher se expressasse, em partes, ao menos. (Melo e Almeida, 2020)

Entretanto, tais descobertas não foram suficientes para responder a pergunta sobre o complexo e obscuro “enigma” psíquico que estava para além do que elas narram em uma análise. Ao tentar desvendar o que é, e o que querem as mulheres, por meio de suas teorias sobre a sexualidade humana, o pai da psicanálise sempre foi barrado pelo mistério do campo feminino, que permaneceu encoberto pelo véu da feminilidade até o fim de seus estudos. Por esse motivo, após 30 anos teorizando e reformulando a figura feminina, na conferência de 1932, dedicada às questões femininas, Freud reconheceu os limites de sua teoria em descrever a topologia e, assim, propôs aos seus ouvintes que, acaso quisessem saber mais sobre o assunto, que consultassem as próprias experiências, os poetas ou aguardassem até que a ciência respondesse “o que querem as mulheres?” (Zago, 2023)

Tempos depois, Lacan desenvolve a teoria sobre o feminino através de seus seminários, com o intuito de responder alguns questionamentos e elaborar novos sentidos ao tema. Logo, ao produzir a tábua da sexuação, o psicanalista francês notou que algo sempre ia mais além, inapreensível, por ser o “algo” mais estranho e particular do sujeito- o Feminino: O campo que acolhe o furo, a não totalização e a desconstrução. A partir disso, ele consolidou a fórmula quântica de sexuação, sua teoria sobre a lógica do gozo, a função do falo e considerou o feminino como algo inapreensível. (Sampaio e Oliveira, 2022)

Para fundamentar o estudo do real/ simbólico/ imaginário, e abordar o feminino pela via do desejo, Lacan reconheceu o superego como herdeiro do complexo de Édipo para ambos os sexos, e o “falo” como símbolo significante para a relação entre os sujeitos e o desejo. Por isso, ao propor a existência de duas formas de sexuação, o teórico as organizou em duas lógicas, quais sejam: a fálica e a não toda fálica. O que se destacou sobre o enigmático feminino não estava na primeira lógica já delineada por Freud, na qual o falo é o significante supremo que determina a posição dos sujeitos em relação ao desejo e à identificação sexual, mas sim na segunda, que associa a ausência do significante da relação sexual. (Silva, 2022)

Ainda sobre a estruturação dessa teoria, Lacan reservou ao Gozo um papel central, nas duas lógicas, uma vez que essa experiência está intimamente relacionada à sexuação. Segundo ele, o gozo pode distinguir-se no gozo fálico e no gozo místico. Em relação ao segundo, está associado à segunda lógica, a suplementar, a que não possui limites (nonsense) e está fora da linguagem. Diante disso, o freudiano alinhou o feminino para o Outro lugar, que emerge do real. (Sampaio e Oliveira, 2022)

Isso quer dizer que, por ser construído de maneira singular e impossível de se universalizar, o feminino ocupa uma posição de sujeito, ou seja, um lugar de análise, apresentando-se no campo do particular, do “um a um”, tal qual uma mulher. Por essa razão, ele agrega em diversos campos, como o social, o cultural, o estético e o político; e opera abrindo a teoria psicanalítica, ao impulsionar a invalidação da generalização. (Dupim e Silva, 2020)

## **2. Clarice: A mulher da palavra**

O trabalho em epígrafe visa analisar o feminino na mulher retratado na literatura de Clarice Lispector, com o intuito de responder ao seguinte questionamento: Como o feminino pode operar em uma mulher?

A justificativa da escolha da autora dá-se pelo fato de que, durante a literária modernista, a reconhecida autora de alma brasileira terceira geração, não só desviou da lógica fálica convencional do século XX, ao trazer à tona afetos da sensibilidade humana suprimidos pela cultura

civilizatória da época, mas sobretudo por romper com o silêncio, ao tomar a palavra, para narrar as supostas faltas, enigmas e desejos que recobriam suas mulheres-personagens insubmissas de suas histórias. (Madeiras, Schuler e Rodrigues 2020)

Nesse sentido, ao tocar na fronteira entre o real e simbólico imaginário, Lispector transferiu seu mistério e profundidade às fictícias subjetividades das personagens criadas em inúmeras narrativas, como em “*A via crucis do corpo*”, e escreveu sobre a busca incessante do desejo singular, através de uma falta sentida na corporeidade. Além disso, a tecelã das palavras pôs em cena elementos que pertencem ao feminino de maneira íntima, bem como forneceu recursos para pensar sobre tudo o que rodeia o corpo. Dessa maneira, contestou a autoridade masculina por meio de suas histórias, bem como contribuiu para a desconstrução do arquivo machista que reprimiu, por séculos, o feminino nas mulheres (Comin e Santos, 2010).

Nesse ínterim, para analisar o feminino na mulher dentro da literatura de Clarice, foi escolhida a Psicanálise, uma vez que essa teoria também retrata territórios que fogem à linguagem, como a palavra e o feminino.

### **3. A via *crucis* do feminino insubmisso.**

A obra "*A via crucis do corpo*", escrita pela aclamada autora Clarice Lispector, foi publicada no ano de 1974, sob encomenda da Editora Artenova. Nessa coletânea envolvendo o prefácio “Explicação”, somado a treze contos, tem-se como tema principal o corpo, que é exposta através dos corpos de personagens que encarnam o desejo pela via há na psicanálise lacaniana: a do feminino. Em conformidade com o prefácio da Editora Rocco (2020) feito pela professora de literatura brasileira, Ana Chiara, é possível perceber que os corpos escritos neste livro retratam de maneira íntima as vicissitudes do corpo, além de representem a selvageria do desejo, da avidez e da sordidez humana. Repara-se:

“O corpo nos seus desarranjos pulsionais, na tirania de seus desejos, nas suas fraturas e feridas, nos seus êxtases. O corpo como bênção e maldição. Como tudo que excede, o que sobra, mas

que não chega nunca a suprir a falta primordial. Enigmático e severo, óbvio e exultante”  
(Chiara, Ana; 2020).

Assim, os contos incorporam o desejo por meio de várias outras vias que vão para além das saídas da castração, como a da identidade, a da feminilidade, a do feminino, a do gozo, ou ainda, a da travessia da via *crucis*. No entanto, ao explorarem novas visões sobre a sexualidade e o feminino em uma época talvez não totalmente receptiva, os corpos escritos por Lispector não receberam a merecida aceitação logo de início. Desse modo, ao adentrar em um território que a autora considerava “perigoso”, o livro não apenas enfrentou, em partes, a retaliação por parte dos leitores, que o rotularam de imoral e incompreensível, mas também foi duramente retalhado por críticos, como Bruna Becherucci e Emanuel de Moraes.(Neli, Santos. 1999)

Utilizando influentes canais de comunicação, as resenhas negativas acusaram o livro de negligenciar aspectos literários, atribuindo-lhe uma má qualidade em relação aos contos, e relegando-o a um patamar de literatura menor desde o seu lançamento. Por isso, a obra não fez parte do rol de preferência dos pesquisadores e, quando comparado às demais produções publicadas pela autora, o conteúdo rico de “A *via crucis* do corpo” foi pouco trabalhado, estudado e traduzido em outros países até os dias atuais, sendo esta uma das razões pelas quais a obra foi escolhida como objeto de análise textual para o presente trabalho. (Bourguignon, Cristiane. 2016).

Por perceber que diferentes mulheres-personagens, enquanto voz narrativa, demonstram coragem para vivenciar o feminino em situações distintas diante a tantas resistências, e por possibilitarem o questionamento a respeito do campo feminino, o estudo em questão considerou entrelaçar o feminino nas vias da literatura e da psicanálise. Pela via da literatura, o trabalho analisou o conto “Miss Algrave”, uma vez que o feminino na mulher escrito por Clarice favoreceu várias interpretações que se mostram relevantes. Sendo assim, no que tange o conto do livro, a narrativa diz respeito a vida de Ruth, uma datilógrafa que sempre evitou olhares e toques que

possivelmente a levariam a sentir algum tipo de prazer em seu corpo. Porém, em um dia de devaneio, recebeu a visita inesperada de um ser de outro mundo que a fez mudar por completo.

A pesquisa faz uma relação entre dois campos do saber que tratam a subjetividade humana, por reconhecer que o inconsciente é estruturado, como uma linguagem, e que a escrita atrelada à literatura está entre as elaborações mais íntimas e democráticas para investigar o feminino, e transformar as estruturas sociais e culturais. Além disso, o trabalho acredita na necessidade da mulher em se colocar na história através de seu mundo: Aquele que é constituído pela incessante busca de um saber particular, e que nega a visão parental-conjugal-falocêntrico que a afasta da escrita, assim como de seu corpo. Por fim, a análise teórica em questão também defende, além de produzir, a inscrição da mulher no espaço onde se lançam os pensamentos, por meio de uma escrita que advém do inesgotável imaginário feminino, com o intuito de gerar novas interpretações para com as obras literárias e inventar novos desejos e transbordamentos a respeito do gozo feminino.

## Objetivos

### 1. Objetivo Geral

Discutir a presença do feminino na mulher na ficção “*A via Crucis do corpo*” pela perspectiva psicanalítica lacaniana

### 2. Objetivos Específicos

- A. correlacionar o feminino na mulher no conto “Miss Algrave”, com o livro “Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos” da escritora Denise Maurano (2023);
- B. analisar o gozo feminino no conto epigrafado.

## **Método**

### **1. Tipo de estudo**

A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de uma perspectiva metodológica teórica, com base em análise exploratória bibliográfica e documental. Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021), esse tipo de método vai além de uma mera repetição do que já foi escrito sobre um assunto, já que examina um tema de forma minuciosa, com o intuito de construir um novo enfoque ou abordagem aos conteúdos previamente estabelecidos.

### **2. Coleta de dados**

A coleta de dados seguiu a seguinte premissa:

- a) Leitura exploratória do conto selecionado;
- b) Leitura seletiva para realizar uma triagem e o fichamento dos principais pontos a serem explorados e discutidos com a literatura psicanalítica;
- c) Registro das informações obtidas para análise e interpretação.

### **3. Critérios de inclusão**

Para elucidar o feminino na coletânea “*A via crucis do corpo*”, foi escolhida uma personagem-mulheres, que vive o feminino por meio dos dizeres verbais e corporais durante a narrativa.

#### 4. Análise de dados

Foi realizada uma leitura analítica, com a finalidade de discutir como a psicanálise pode contribuir no debate sobre “o feminino na mulher” nos contos de Clarice Lispector, de forma que esta possibilite a obtenção de respostas aos objetivos da pesquisa.

### Resultados e Discussão

#### Uma Análise de Miss Algrave

O primeiro conto retrata a história de Ruth Algrave, uma puritana de cotidiano pudico, que se reprimia e negava qualquer tipo de vivência desejante e sexual desde os sete anos, pois se sentia culpada ao lembrar de quando brincava de marido e mulher com o primo Jack. No início da narrativa, observa-se que a filha de pastor protestante foi criada sob princípios rígidos e atitudes extremas, posto que mantinha uma dieta que excluía carne vermelha, por considerar sua ingestão um pecado, optava por não assistir televisão, vez que acreditava que as cenas consideradas corriqueiras, como um homem e uma mulher se beijando, era um conteúdo vergonhosamente obscuro, e atribuía imoralidades às artes, às atividades sociais, e até mesmo às crianças e animais: “A falta de moralidade estava no ar” (Lispector, 2019, p. 15).

Concomitantemente, Lispector descreve a protagonista como uma mulher solteira, virgem, que morava sozinha, não mantinha relações interpessoais profundas, exceto por visitas esporádicas a um vizinho idoso e era considerada uma datilógrafa perfeita. Além disso, a autora enriquece o texto com trechos que revelam o temor da personagem em relação ao seu próprio corpo e o horror à mulher que há em si. Exemplos disso são as frases: “Nunca havia tocado em seus seios” (Lispector, 2019, p.13) e “Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver seu corpo nú, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã” (Lispector, 2019, p.13). Dessa forma, ao tentar repudiar a feminilidade que habitava em seu ser, a protagonista enfrentava diariamente a sua *via crucis* do corpo, vivendo contornada por um angustiante "embora".

Ao relacionar o conto com os escritos de Denise Maurano em “*Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos*”(2023), nota-se que o “embora” de Ruth Algrave manifesta uma falta não nomeada, originada da tensão entre a privação de algo essencial e a inevitabilidade da sua presença. Isso fica evidente na citação “Miss Algrave sentia-se muito feliz, embora... Bem, embora” (Lispector, 2019, p. 14), que revela a ambiguidade e a incompletude presentes na felicidade de Ruth, ilustrando a falta que a caracteriza. Ou seja, a felicidade dela é marcada por uma lacuna, um 'algo' nebuloso e incontrolável que ela tenta constantemente rejeitar, mas que persiste de forma inevitável em seu interior e exterior, forçando-a a uma posição de desejo.

Mesmo tentando permanecer indiferente ao gozo sexual através da privação e do repúdio, Ruth acaba explorando inevitavelmente os diversos aspectos que compõem esse campo, utilizando, até certo ponto, a linguagem, a escrita, a estética e a política para expressar e elaborar o que considera impossível, e a narrativa revela um gozo implícito nesse processo: “De vez em quando Miss Algrave escrevia uma carta de protesto para o *Time*. E eles publicavam. Via com muito gosto o seu nome: *sincerely* Ruth Algrave” (Lispector, 2019, p. 13). Além disso, apesar de atribuir imoralidades às artes e às atividades sociais, a personagem também se posiciona no caminho da criação, através da estética: “Foi ao ensaio do canto coral. Tinha voz maviosa. Sim, era uma pessoa privilegiada” (Lispector, 2019, p. 14). Assim, ela permanece imersa em um gozo dos místicos que, segundo Lacan no seminário “Mais, ainda” (1969-70, pp. 81/82), refere-se a uma vivência de sujeitos, frequentemente mulheres, que experimentam um gozo que transcende o falo e os coloca na via da ex-sistência.

Os atos de criação que manifestam o feminino e, conseqüentemente, elaboram a falta em Ruth, encontram respaldo em trechos do discurso presente no livro de Maurano (2023). Segundo a autora, o ato de criação possui um poder singular para abordar e transformar aquilo que cada indivíduo não consegue lidar dentro de seu próprio corpo, mesmo quando essa experiência é avassaladora. Além disso, Maurano (2023) argumenta que o percurso subjetivo busca não apenas sustentar o que é próprio do campo em questão para satisfazer a pulsão originária, mas também se

empenha em dar visibilidade ao invisível e ao irrepresentável, cumprindo o imperativo da revelação (Maurano, 2023, p. 116).

A autora também explora a confrontação com as resistências. No caso de Miss Algrave, isso se manifesta no "embora" resultante da privação, que, ao contrário da impotência que leva à frustração, convoca o sujeito a um "fazer com isso". A citação de Lispector ilustra isso claramente: “Estava assim deitada na cama com a sua solidão. O embora. Foi então que aconteceu” (Lispector, 2019, p. 15). Assim, o confronto com a resistência incita a criação e abre um caminho onde o não-ser pode vir a ser, não como algo perdido, mas como algo encontrado ou criado (Maurano, 2023, p. 38). Dessa forma, Miss Algrave inscreve seu corpo no espaço em que vive.

Partindo da premissa de que os atos de criação manifestam o feminino e elaboram a falta em Ruth, Clarice Lispector descreve a personagem ultrapassando a ficção e as articulações significantes que ela inicialmente buscava. Assim, a personagem começa a ceder à vivência do desejo por outros caminhos, incluindo a corporificação de comportamentos que ela mesma considerava libidinosos e condenáveis. Esse movimento pode ser melhor compreendido à luz do que Maurano (2023) afirma: “Há algo no feminino que, efetivamente, escapa à possibilidade de ser apreendido pelas palavras” (Maurano, 2023, p. 24). Ou seja, a mudança se reflete na dificuldade de Ruth em apreender e expressar plenamente o feminino por meio da linguagem, levando-a a explorar formas alternativas de vivência e expressão do desejo.

“Depois foi almoçar e permitiu-se comer camarão: estava tão bom que até parecia pecado. Então dirigiu-se ao Hyde Park e sentou-se na grama. Levava a Bíblia para ler. Mas que Deus a perdoasse – o sol estava tão guerrilheiro, tão bom, tão quente, que, não leu nada, ficou só sentada no chão sem coragem de se deitar.” (Lispector, 2019, p. 14)

Essa dinâmica pode ser compreendida de acordo com o que Maurano (2023) argumenta sobre o feminino e o Real. Consoante a autora, ao se relacionar com o Real e apreender o que é da ordem do desejo, o feminino tem a capacidade de despertar o sujeito do inconsciente, sempre indicando a

presença de um mais além e um excesso que vão além da linguagem e do significante. Para fundamentar seu pensamento, Maurano (2023) utiliza a proposta de Lacan, que sugere que o acesso ao Real, embora inacessível ao desejo devido à sua relação com o que foi perdido, não é completamente inacessível ao gozo. Lacan aponta que um tipo específico de gozo pode possibilitar a experiência de algo que pertence a uma ordem mística e dessubjetivada, evidenciando que o gozo pode transcender as limitações impostas pela linguagem e pelo significante, revelando uma dimensão além do sujeito e do desejo:

Ao gozo relativo à posição feminina, se atribui essa condição de ser um gozo suplementar ao fático, portanto, bordejado por este, ainda que situado num além deste. Refere-se a uma experiência que é acolhida pelo próprio sujeito, ainda que o ultrapasse, lhe exigindo uma entrega de si. Vivência próxima da experiência mística, ou mesmo poética, artística, e que participa em certa medida do processo psicanalítico na dimensão em que este conduz o sujeito para um além da fixação na satisfação da função fálica, rumo ao feminino. (Maurano, 2023, p.102)

No conto de Ruth, os trechos “Suspirou muito porque era difícil viver só. A solidão a esmagava. Terrível não ter uma só pessoa para conversar. Era a criatura mais solitária que conhecia.” (Lispector, 2019, p. 14), e “Mas ninguém a tocara jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão” (Lispector, 2019, p. 15), ilustram a experiência da solidão extrema e a resistência da personagem em se conectar com o mundo ao seu redor. Esses momentos são cruciais para ligar os pensamentos apresentados anteriormente com as ideias de Lacan em seu seminário “*Mais, ainda*” (1972-73), uma vez que os trechos demonstram que, por ser “não-toda”, há na mulher uma tendência pulsional inevitável à exploração do campo do gozo relativo à posição feminina, que transcende o gozo complementar (Lacan, 1972-73, p. 79). Isso é o que ocorre logo em seguida na história, conforme Ruth se depara com a necessidade de explorar dimensões do gozo suplementar.

O fato epifânico ocorreu em um fim de sábado, quando o “embora” não conseguiu mais capturar totalmente a essência de Miss Algrave e seu desejo. Nesse momento, uma “coisa” entra

pela janela de seu quarto: “Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo. Teve medo.” (Lispector, 2019, p. 15). Esse evento é significativo, porque representa uma ruptura na experiência de Ruth, um confronto com o inominável e o Real. Logo em seguida, o diálogo adentra o campo do particular, do “um a um”: “Falou bem alto:- Quem é? E a resposta veio em forma de vento:- Eu sou um eu.- Quem é você? Perguntou trêmula.- Vim de Saturno para amar você.-” (Lispector, 2019, p. 16). Esse diálogo surreal e enigmático simboliza a manifestação do gozo sem sujeito, discutido por Lacan, que transcende a lógica, ultrapassa as categorias convencionais, e transforma o sujeito em objeto (1972-73).

Em relação a “coisa”, Clarice Lispector a descreve como um ser vindo de Saturno, um elemento que transcende as fronteiras do conhecido e remete a um mais além, a um mundo inabitável. Esse conceito está alinhado com a definição de Maurano sobre o que está fora dos limites, o que faz parte do campo do feminino: algo que se situa além das convenções, perto do campo do Real (Maurano, 2023, p. 27). Essa ideia é reforçada pela reação de Ruth, que não consegue elaborar nada sobre o que está vivenciando, apenas sentir: “Mas eu não estou vendo ninguém! Gritou.- O que importa é que você está me sentindo. E sentia mesmo. Teve um frisson eletrônico.” (Lispector, 2019, p. 16). Esse frisson representa a experiência direta com o Real, que não pode ser completamente capturado ou compreendido através da linguagem.

A interação entre Ruth e a “coisa” continua com um endereçamento que não busca totalizar a experiência, refletindo a dificuldade de nomear ou categorizar o encontro: “Como é que você se chama? Perguntou com medo.- Pouco importa.- Mas quero chamar seu nome!- Chame-me de Ixtlan. Eles se entendiam em sânscrito.” (Lispector, 2019, p. 16). O nome “Ixtlan” e a referência ao sânscrito enfatizam a natureza enigmática e transcendente do encontro, sugerindo uma comunicação que vai além dos limites da compreensão ordinária, ressaltando a dimensão do gozo suplementar que Lacan descreve em seu seminário 20 (1972-73).

Analisando o trecho do conto em que Ruth interage com a enigmática "coisa", é possível estabelecer uma relação com o que Maurano (2003) escreve sobre a entrega ao feminino, no que diz respeito ao momento em que o sujeito se permite sair de cena para ter uma alienação, visto como uma fusão com o exterior, o ilimitado e o imaterial. (Maurano, 2023, pp. 33/34), dado que a partir disso, Ruth vivencia um instante de intensa experiência mística:

Ele disse:- Tire a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou a mão pelos seus seios. Rosas negras. Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado. Começou a suspirar e disse para Ixtlan: - Eu te amo, meu amor! Meu grande amor! E – é, sim. Aconteceu.” (Lispector, 2019, p. 16).

Desenvolvendo essa ideia, observa-se que Ruth entrega-se a um dos gozos lacanianos, especificamente ao gozo Outro, que é de aspecto místico e vai mais além das capacidades da representação simbólica, pois aponta para uma experiência do Real (Maurano, 2023, p. 68). Lacan (1969-70) argumenta que, ao transcender a investigação por meio das articulações significantes e das ressonâncias da fala em busca do desejo, o sujeito pode alcançar um campo que se encontra além da castração. Este gozo Outro, inapreensível pelas representações convencionais, acolhe a vontade consciente, com base no desejo do inconsciente, e é caracterizado pela saída de cena do sujeito desejante para a entrega da experiência, além de ser buscado ativamente e de forma ilimitada (Maurano 2023, p. 102). Assim, a experiência de Ruth reflete exatamente essa teoria lacianiana do gozo Outro:

“Ela queria que não acabasse nunca. Como era bom, meu Deus. Tinha vontade de mais, mais e mais. Ela pensava: aceitai-me! Ou então: “Eu me vos oferto.” Era o domínio do “aqui e agora”.” (Lispector, 2019, p.16)

Seguindo a perspectiva lacianiana interpretada por Maurano, é possível identificar indícios de que Ruth continua acessando uma posição que se aproxima do gozo feminino, e experimentando uma satisfação que ultrapassa o fálico (Maurano, 2023, p. 78). Na passagem em que Ruth

questiona: “Vou ficar esperando bebê? - Não. - Mas vou morrer de saudade de você! Como é que eu faço? - Use-se.” (Lispector, 2019, p. 17), observa-se uma tensão entre a lógica fálica e a experiência pulsional.

Ao conectar essa passagem com o capítulo "O feminino como revelação" do livro de Maurano (2023), nota-se que a personagem não se submete à lógica fálica, nem se limita à métrica fálica. Em vez disso, ela permanece aberta à experiência pulsional e se entrega a uma vivência que transcende os limites do Imaginário e do Simbólico, apontando para um Real indomável. Como Lacan discute em seu Seminário 20 (1972-73), a experiência do gozo feminino está além da castração e das amarrações fantasmáticas, refletindo um gozo que não é totalmente apreensível pelos significantes (Lacan, 1972-73, p. 79). Ruth, portanto, se conecta com essa dimensão do gozo que ultrapassa as representações fálicas, abrindo-se para uma experiência a mais, que se alinha com o conceito lacaniano de um Real que escapa à simbolização.

Maurano (2023) afirma que na psicanálise, avançar com o próprio desejo significa ir além da ancoragem do sentido e da subjetividade, alcançando um estado de falta que revela o valor efetivo do que resta. Ela diz: “Gosto de afirmar que ir até o fim com seu desejo, na psicanálise, significa ultrapassar essa ancoragem do sentido, da espaçosa subjetividade, para tocar um nada que mostra bem seu valor efetivo, dado que é tudo o que resta. Estamos aí para além do campo do desejo, no campo do gozo, não propriamente do gozo atrelado ao phallus, atrelado à referência subjetiva, mas aquele que posiciona o sujeito numa relação que transcende o “si mesmo”, que transcende sua ancoragem na subjetividade” (Maurano, 2023, p. 68). Essa ideia se reflete na passagem clariceana, onde Ruth, ao enfrentar a ausência do ser vindo de outro lugar, momentaneamente experimenta a falta: “Começou a chorar baixinho. Parecia um triste violino sem arco” (Lispector, 2019, p. 17).

A partir dessa experiência de falta e da vivência do gozo que transcende a subjetividade, Ruth inicia uma transformação profunda em sua vida. A personagem começa a perceber que o que havia feito com o Ixtlan não era um pecado, mas sim um deleite. Por isso, o corpo de Ruth, que antes era coberto e escondido, passa a sentir-se pulsional e regido pelo gozo-a-mais: “Deus iluminava seu

corpo” (Lispector, 2019, p. 17). Esse novo entendimento do gozo leva a personagem a encerrar sua *via crucis*, e redirecionar suas fontes de satisfação. Ao abandonar o gozo que antes se manifestava apenas por meio do discurso e da palavra, Ruth começa a buscar prazer em novos objetos, marcando uma completa transformação em sua vida:

Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto: não protestava mais. E não foi à igreja. Era mulher realizada. Tinha marido. Então no Domingo, na hora do almoço, comeu filet mignon com purê de batatas. A carne sangrenta era ótima. E tomou vinho tinto italiano. Era mesmo privilegiada. (Lispector, 2019, p. 17).

Porém, essa transformação foi gradual e se manifesta quando Ruth começa a cultivar o próprio feminino e a reanimar seu corpo. Em um momento, ela canta com exuberância: “Como era Domingo, foi ao canto coral. Cantou melhor do que nunca e não se surpreendeu quando a escolheram para solista. Cantou a sua aleluia. Assim: Aleluia! Aleluia! Aleluia!” (Lispector, 2019, p. 18). Em outro, ela experimenta a liberdade e a soberania de ser mulher: “Depois foi ao *Hyde Park* e deitou-se na grama quente, abriu um pouco as pernas para o sol entrar. Ser mulher era uma coisa soberba. Só quem era mulher sabia” (Lispector, 2019, p. 18). No entanto, apesar dessa nova relação com seu próprio corpo e identidade, ela também enfrenta um sentimento de culpa: “Mas pensou: será que vou ter que pagar um preço muito caro pela minha felicidade?” (Lispector, 2019, p. 18). Esse sentimento reflete o impacto da repressão social e da aversão ao feminino na mulher, como argumenta Maurano (2023). Em uma sociedade patriarcal misógina, a repressão cultural e a normatização fálica dificultam a aceitação e o reconhecimento pleno do feminino, criando um campo complexo para a prática dessa subjetividade. (Maurano, 2023, p. 117). Assim, o processo gradual de transformação de Ruth é profundamente influenciado pela tensão entre sua nova autocompreensão e as limitações impostas pela cultura dominante.

Contudo, a reanimação corporal da personagem se apresenta mais forte do que a repressão, permitindo que o sentimento de repulsa manifestado por ela não prevaleça como em outros tempos. À medida que ela abraça a sua nova percepção e vivência do feminino, Ruth se torna mais resistente

às forças repressivas que anteriormente a limitavam. Esse campo recém-descoberto não só proporciona a ela um novo entendimento de sua identidade, mas também a prepara para uma entrega ao místico com uma nova confiança e abertura. Dessa forma, a transformação de Ruth se completa com a disposição para explorar e integrar a dimensão mística de sua experiência, evidenciando uma superação das restrições passadas:

“Ixtlan! Volte logo! Não posso mais esperar! Venha! Venha! Venha! Pensou: será que ele gostara de mim porque eu sou um pouco estrábica? Na próxima lua cheia perguntaria a ele. Se fosse por isso, não tinha dúvida: forçaria a mão e se tornaria completamente vesga. Ixtlan, tudo o que você quiser que eu faça, eu faço. Só que morria de saudade. Volte, my love.”(Lispector, 2019, p. 18).

Essa transformação culmina na forma como Ruth passa a vivenciar sua própria falta e o gozo. No fim do conto, pode-se interpretar que o personagem principal passa a ser o corpo feminino desejante e sua revelação. Para o desejo de Ruth, infere-se que foi acionada a operatividade da falta, já que com o vazio não há o que fazer, mas, com a falta, se pode operar. Denísiane aborda os avanços trazidos pelo matema  $S(\mathcal{A})$  de Lacan, que expressa a falta no campo do Outro, evidenciando como a linguagem é incapaz de abarcar toda a realidade e como a relação com os objetos se torna crucial para preencher essa falta, conforme o princípio do prazer (Maurano, 2023, p. 80). Clarice Lispector ilustra essa dinâmica ao descrever o gozo Outro vivido por Ruth, evidenciando a busca incessante para tamponar a falta:

Mas fez uma coisa que era traição. Ixtlan a compreenderia e perdoaria. Afinal de contas, a pessoa tinha que dar um jeito, não tinha? Foi o seguinte: não aguentando mais, encaminhou-se para o Picadilly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão, e antes de ir embora deixou na mesa-de-cabeceira uma libra inteira! (Lispector, 2019, pp.18/19).

E assim, Clarice continua a explorar as novas experiências de Ruth que emergem desse novo estado. Ruth começa a se relacionar com o que há de mais profundo em sua identidade, como evidenciado pela sua transformação pessoal: “Poderia beber vinho italiano todos os dias. Tinha vontade de comprar um vestido bem vermelho com o dinheiro que o cabeludo lhe deixara. Soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de ruivos. Ela parecia um uivo. Aprendera que valia muito” (Lispector, 2019, p. 19). Essa passagem revela uma nova permissão uma afirmação de sua identidade

Além disso, Ruth decide abandonar sua antiga vida e seguir seus próprios desejos: “Na Segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto” (Lispector, 2019, p. 19). Essa decisão radical representa a culminação da sua transformação e a incorporação de sua nova visão do feminino e do desejo.

Essa insaciedade e a busca contínua de Ruth podem ser compreendidas à luz do conceito de "A Coisa" descrito por Denisiane, que reflete a relação entre o sujeito e o objeto que simboliza a falta. Para Denisiane, a relação do sujeito com "A Coisa" é marcada pela tentativa de preencher uma falta essencial, o que leva a uma busca incessante por satisfação e significado (Maurano, 2023, p. 80). A inauguração da relação de Ruth com o feminino, mediada por Ixtlan, é uma expressão dessa busca, evidenciando como sua jornada de transformação está profundamente ligada ao desejo de preencher sua falta e explorar novas dimensões de sua identidade e prazer.

A Coisa, que supomos que traria uma solução definitiva, é justamente o que foi perdido na inauguração da atividade psíquica, fazendo do desejo de buscá-la a própria razão de ser do psiquismo. (Maurano, 2023, pp. 136/137).

E é desejando buscar "A Coisa" que Ruth conclui sua jornada de maneira definitiva e marcante: “E quando chegasse a lua cheia—tomaria um banho purificador de todos os homens para estar pronta para o festim com Ixtlan” (Lispector, 2019, p. 19). Esta decisão final, imbuída de um simbolismo

profundo, não só marca o clímax da sua vivência no feminino, mas também sublinha a intensidade de sua busca pelo gozo Outro. Ruth não apenas encerra sua história em sua busca incessante e desejante, ela também transcende as limitações anteriores, mostrando a eterna luta e a busca contínua pela essência que define seu ser.

### **Considerações finais**

Em relação às contribuições teóricas desta análise, é possível considerá-las notáveis para a compreensão da teoria lacaniana e da representação do feminino na literatura. Visto que a aplicação da teoria lacaniana ao conto selecionado, através da interpretação proposta por Denise Maurano (2023), possibilita uma nova interpretação da maneira como a falta e o desejo podem ser retratados na narrativa, ao descrever a maneira como Ruth lida com os temas citados. Além disso, a exploração da experiência com o inominável e o real enriquece o debate sobre a teoria lacaniana do real, introduzindo novas dimensões para a compreensão deste conceito, quando analisado no contexto literário.

A análise também contribui para a expansão sobre a discussão do feminino lacaniano, mostrando como Ruth, ao não estar totalmente inserida no simbólico, explora formas alternativas desse campo. Este estudo também demonstra a aplicabilidade da teoria lacaniana a textos literários, sugerindo novos métodos de análise que combinam conceitos psicanalíticos com a crítica literária. Finalmente, a análise destaca a relevância cultural e social dos temas que fazem parte do campo feminino, ampliando a discussão sobre o tema em um contexto mais amplo.

## REFERÊNCIAS

- Bourguignon, C. (2016). A via crucis do desejo feminino : um estudo sobre a escrita de Clarice Lispector. Universidade Federal do Espírito Santo. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/9173>
- Chauí, M. (2020). Gilda e Clarice: A dignidade do feminino. *Revista Ideação*.  
<https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/5956>
- Comin, F., & Santos, M. (2010). Todos passam pela via crucis: A corporeidade em Clarice Lispector. *Psicologia em Estudo*.  
<https://www.scielo.br/j/pe/a/t8MR4Bmy79bgsnvvKP3j5dG/>
- Donadelli, L. (2017). *O feminino na escrita de Clarice Lispector: A via crucis do corpo*. Universidade Federal de Uberlândia.  
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/36413/6/FemininoEscritaClarice.pdf>
- Dupim, G., & Silva, N. (2020). A causa amante de Llansol: A escrita como borda ao vazio feminino. *CYTHÈRE?*, 19.  
<https://fapol.org/cythere/wp-content/uploads/sites/3/2021/07/CY THERE-3.-DUPIM-DA-SI LVA-A-Causa-Amante-de-Llansol.pdf>
- Durzi, C., & Couto, L. (2021). Da mediação fálica ao irrepresentável do sexo feminino. *Revista Subjetividades*, 21(1), 1-11.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692021000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692021000100004&script=sci_arttext)
- Lacan, J. (1985[1972-73]) *O Seminário*, livro 20: *mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.  
<https://www.amazon.com.br/Semin%C3%A1rio-livro-20-Mais-ainda/dp/8571104913>

Lispector, C. (1974). *A via crucis do corpo* (Edição comemorativa de 2019). Rocco.

<https://www.amazon.com.br/via-crucis-corpo-Edi%C3%A7%C3%A3o-comemorativa/dp/6555320362>

Madeiros, E., Schuler, L. S., & De França Rodrigues, H. (2020). Os fractais do desejo feminino na contística de Clarice Lispector. *Littera*.

<https://cajapio.ufma.br/index.php/littera/article/view/15975/8454>

Maurano, D. (2023) *Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos*. Aller Editora

<https://www.amazon.com/REVIRAMENTOS-FEMININO-SEUS-MIST%C3%89RIOS-GOZOSOS/dp/6587399584>

Mello, L., & Legey, S. (2022). *A construção do conceito de histeria em Freud* (Monografia de conclusão de curso). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/39908/1/Luciana%20Ernanny%20de%20Mello%20e%20Silva%20Legey%20-%20Monografia.pdf>

Melo, J., & Almeida, M. (2020). O surgimento da psicanálise: Uma escuta do sintoma e da histeria. *Psicologia em Ênfase*.

<https://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/87/44>

Rodrigues, J., Silva, G., Pereira, R., Silva, F., & Ferreira, M. (2021). Intersecção entre literatura e psicanálise: Uma abordagem do conto “O delírio”, de Clarice Lispector. *Amargem, 17*.

<https://seer.ufu.br/index.php/amargem/article/view/61421>

Sampaio, R., & Oliveira, D. (2022). La jouissance: O gozo feminino em Freud, Lacan e na contemporaneidade. *Revista Analytica*.

<http://periodicos.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4596/2994>

Santos, N. (1999). A crítica jornalística sobre Clarice Lispector (1943-1997). Universidade Estadual de Campinas. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1587377>.

Silva, J. (2022). *Corpos em sexuação: Não-todo*. Editora CRV.  
<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37495-corpos-em-sexuacao-br-nao-todo>

Sousa, A., Oliveira, G., & Alves, L. A pesquisa bibliográfica: Princípios e fundamentos. *Cadernos de Graduação*. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/issue/view/141>

Zago, M. (2023). *As várias faces de Eva e o feminino na contemporaneidade* (1ª ed.). Editora Científica Digital. <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-279-3.pdf>

## Apêndice

### ACEITE DO ORIENTADOR

Eu, Edson Júnior Silva da Cruz, aceito orientar o trabalho intitulado: “O que querem as mulheres? Uma análise do desejo e do feminino na via crucis do corpo, os contos contos clariceanos”, de autoria da aluna Maria Edduarda Santana da Silva.

Declaro ter total conhecimento das normas de realização de trabalhos científicos vigentes, segundo o manual de orientação de trabalhos científicos do curso de Psicologia do CESUPA, estando inclusive ciente da necessidade de minha participação na banca examinadora por ocasião da defesa do trabalho. Declaro ainda ter conhecimento do conteúdo do projeto de pesquisa ora entregue para o qual dou meu aceite pela rubrica das páginas.

Belém (Pará), 17 de novembro de 2023

Prof. Edson Júnior Silva da Cruz.

Curso de Psicologia.

CESUPA.